

GLOBALIZAÇÃO, CIDADES E REGIÕES: MUDANÇAS RECENTES NA INDUSTRIALIZAÇÃO E NOS ESPAÇOS REGIONAIS E URBANOS DO SUL DO BRASIL.

Luís Fugazzola Pimenta¹

APRESENTAÇÃO.

A última década, caracterizada pela continuidade da crise econômica no Brasil e por profundas transformações na economia mundial, provocou mudanças significativas nos processos produtivos brasileiros, assim como alterações importantes na economia e no espaço regional do sul do Brasil. As alterações nos padrões de industrialização, provocadas pela crise persistente e pela abertura de mercado, acarretaram grandes influências no comportamento dos espaços regionais e urbanos. A crise diferenciada entre setores e a distribuição de novos investimentos, sobretudo estrangeiros, tem sido responsável por reestruturações regionais importantes. Empresas e espaços reestruturaram-se no sentido de fazer face às novas exigências de competitividade interna e externa colocadas pelo período depressivo e pela nova ordem mundial.

A região sul do Brasil foi historicamente marcada por uma acumulação de capitais locais e regionais que produziram com base nas particularidades da formação social regional, em pouco mais de um século, um denso espaço econômico. A partir de sólidas bases econômicas endógenas formou-se um rico tecido industrial maduro, diversificado e complexo, articulado com o desenvolvimento de bases técnicas, força de trabalho qualificada e propício ambiente cultural, fatores estes impregnados nos espaços regionais. Um forte grau de inovação, capacitação técnica e iniciativa na conquista dos grandes mercados consumidores nacionais foram características marcantes de uma industrialização que teve, na dinâmica dos capitais locais e na disponibilidade de uma força de trabalho imigrante qualificada, fatores fundamentais de sua permanente modernização. Apoiada nestes mecanismos e constituída por setores dinâmicos, sua industrialização conseguiu controlar, a partir de bases regionais, parcelas significativas do mercado nacional e, mais recentemente, crescente presença no mercado internacional.

Nos últimos quinze anos, todavia, a economia regional tem passado por processos de reestruturação importantes, acelerados nos últimos anos. Entre eles incluem-se mudanças na composição setorial do parque industrial; mudanças tecnológicas e de processos de trabalho; desverticalização, terceirização e subcontratação, estabelecendo um novo quadro de relações interfirmas; novas especializações e mudanças de estratégias empresariais. Não foram menos importantes as mudanças sociais implicadas, aumentando a precarização das relações de trabalho, seguida do aumento da pobreza urbana e rural.

O ingresso do Brasil no processo de globalização de forma submissa, e com problemas agudizados por recentes políticas econômicas, provocando longos períodos de sobrevalorização cambial, taxas elevadíssimas de juros e aumento indiscriminado de importações, tendeu, na região sul a alterar os sistemas produtivos implantados, reestruturando-os a partir de processos que tem incluído mudanças de controle acionário, vendas de empresas e fusões, muitas delas implicando em perda de controle de capitais locais e regionais, além de fortes tendências de desnacionalização de parte do parque industrial. Estes processos apresentam importantes conseqüências na conformação dos espaços regionais e urbanos.

Diante da reestruturação que a crise e a globalização tendem a produzir no espaço nacional, a região sul tem procurado dar continuidade à complexificação de seu espaço econômico através do incremento de sua capacitação econômica e de sua atratividade. Todavia esta atratividade não depende apenas de uma forte e rica tradição industrial, mas de um crescente equipamento do território garantindo acesso imediato à ciência e à tecnologia, aos mercados e suas tendências e à fluidez de comunicações e transportes.

As cidades de vários portes têm jogado um papel fundamental neste processo, sendo portadoras dos elementos que procuram garantir a permanente renovação técnico-científica, a difusão das capacitações e das produções regionais, os efeitos de aglomeração que potencializam o alcance das especializações territoriais. Desta forma, têm dado sustentação à forma histórica de industrialização dispersa, característica da força regional do sul do Brasil.

Neste sentido, importa sobretudo confrontar os processos históricos que até o presente garantiram à região sul o acompanhamento dinâmico de todos os ciclos da industrialização brasileira, com as recentes mudanças acarretadas pela crise e pela maior competitividade e exposição internacional resultantes do processo de globalização.

AS BASES DO DINAMISMO INDUSTRIAL: PECULIARIDADES REGIONAIS E INOVAÇÃO.

¹ Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. lpimenta@arq.ufsc.br

O sul do Brasil, na maior parte de suas regiões, teve uma ocupação recente. Iniciando-se na terceira década do século XIX, a imigração de europeus não lusitanos em números significativos, estabelecidos em pequenas propriedades agrícolas, foi o fator de povoamento decisivo para a grande transformação desta porção meridional do Brasil. Visando colonizar as duas províncias do extremo sul, em grande parte desabitadas, os fluxos de imigrantes, todavia, não foram regulares, interrompendo-se ou diminuindo significativamente o seu ritmo por diversos períodos. No ano de 1824 ocorreu a primeira onda significativa deste processo, de onde se originou a ocupação do Vale do Rio dos Sinos no Rio Grande do Sul, com a fundação da colônia alemã de São Leopoldo. Esta colônia se expandiu subindo os terraços e as encostas florestais. Contando com um grande número de artesãos entre os primeiros imigrantes, a pequena indústria tornou-se importante, além da agricultura, contribuindo para sua prosperidade. (Weibel, 1979) Duas outras colônias de menor importância para a dinâmica futura da região, foram estabelecidas em 1829. A colônia de Rio Negro no planalto interior na divisa entre Santa Catarina e a futura província do Paraná, de difícil acesso, logo entrou em decadência. São Pedro de Alcântara estabelecida a 25 km de Florianópolis, em direção ao planalto, permaneceu um pequeno povoado próspero, de onde se originaram populações que ocuparam como agricultores vastas áreas em torno do núcleo original. Em 1830 os fluxos de imigrantes foram interrompidos por mudança na política imigratória do governo imperial, proibindo qualquer despesa com a colonização de estrangeiros.

A retomada do fluxo de imigração alemã fez-se apenas a partir de 1849, e significou a abertura de novos focos de ocupação da região sul, generalizando, a partir de então, a marcha dos vetores de ocupação, que passaram inclusive a contar com a gradativa incorporação de algumas novas nacionalidades. Acelera-se a ocupação do Rio Grande do Sul, criam-se novas e importantes colônias em Santa Catarina, e o desdobramento das consequências destes fluxos populacionais acabam por atingir o estado do Paraná.

Do estabelecimento dos dois núcleos fundamentais deste período no nordeste de Santa Catarina, Joinville (1849) e Blumenau (1850) partem os fluxos populacionais que ocuparão os vales do Itajaí e Itajaí-Mirim, assim como a porção Norte do estado em direção ao planalto. Estas duas colônias, como havia ocorrido já com São Leopoldo no Rio Grande do Sul, manifestam muito precocemente sua capacidade de desenvolver artesanatos e pequenas indústrias, sobretudo pelas características de suas populações.

A partir de 1875 o movimento imigratório sofre grande incremento com a chegada sucessiva de populações de origem italiana, dando prosseguimento à expansão do povoamento tanto do Rio Grande do Sul quanto de Santa Catarina e Paraná. Em Santa Catarina os imigrantes italianos somam-se aos alemães no nordeste do estado, dando prosseguimento à ocupação do alto vale do Itajaí fundando várias povoações, e abrindo novas frentes de povoamento mais ao sul, no vale do Rio Tijucas. Foi, todavia, no extremo sul do estado, que se constituíram as principais cidades de origem italiana de Santa Catarina, gravitando em torno de Criciúma, fundada em 1880.

O regime da pequena propriedade rural, explorada a partir do trabalho familiar, foi adotado generalizadamente em todas estas regiões, conferindo características bastante particulares à sua economia e contrastando fortemente com os modos de produção desenvolvidos nas demais regiões brasileiras. O componente artesanal e técnico presente entre as populações imigrantes, combinado com o mercado constituído por uma pequena agricultura mercantil de produtores independentes, ensejou o desenvolvimento de uma urbanização, acompanhada de atividades artesanais e de pequena indústria acopladas ao comércio local e regional. Com diferentes graus de intensidade, a maior parte destas regiões veio a apresentar grande desenvolvimento urbano industrial, marcando em diferentes ramos e setores sua presença no processo de industrialização brasileiro.

A FORMAÇÃO DOS PÓLOS INDUSTRIAIS REGIONAIS E DA REDE URBANA.

A ocupação da porção setentrional do Rio Grande do Sul pela economia imigrante, fez recair definitivamente sobre Porto Alegre o peso econômico, social e político do estado, distanciando-a cada vez mais, pelo seu crescimento, de Rio Grande e Pelotas, os dois pólos da economia do gado com os quais rivalizava em importância. Porto Alegre, como capital de um importante estado da federação, serviu de elemento catalisador para as potencialidades da economia colonial da imigração, como escoadouro e incentivo para seus excedentes agropecuários e artesanais. Ao mesmo tempo, atraiu pelo seu dinamismo urbano um grande número de comerciantes e pequenos industriais alemães que ao prosperarem em seus negócios deslocavam-se das colônias para a capital. Resultou natural, portanto, que Porto Alegre viesse a se constituir no principal polo industrial da região, e que a grande parte de suas usinas e empresas industriais tivesse aos alemães, e a seus descendentes teuto-riograndenses, associadas a sua fundação e o seu desenvolvimento. (ROCHE, 1969)

Os núcleos centrais da primeira imigração alemã, São Leopoldo e Novo Hamburgo, constituíram-se em dinâmicos centros industriais, irradiando por seu entorno a produção industrial calçadista em que

terminaram por se especializar. Estas cidades constituem um dos maiores centros de produção de calçados do país, sendo responsável pelas maiores exportações do gênero.

Ainda no Rio Grande do Sul, Caxias, nucleando outras cidades originárias da imigração italiana, constituiu um diversificado parque industrial com forte presença dos ramos de material de transporte e metal-mecânica, além de expressiva participação têxtil e da produção de vinhos.

No estado de Santa Catarina foi marcante, para as características de seu processo de ocupação e de industrialização, a ausência de qualquer economia regional de maior significação anterior à imigração. Desta forma, o estado, habitado em poucas de suas regiões até o pleno desenvolvimento dos desdobramentos territoriais da imigração, não possuía nenhuma atividade econômica que o ligasse de maneira mais efetiva ao comércio com os centros urbanos maiores, e outras regiões brasileiras, ou com o mercado externo, como havia ocorrido com a maior parte dos estados brasileiros.

Várias consequências advieram deste fato, marcando profundamente a estruturação regional: a ausência de um setor de acumulação de capital mais importante, anterior à imigração, que tivesse gerado comércio, atividades financeiras, de transporte e portuária de maior significação; a ausência de uma região com urbanização importante, assim como a ausência de cidades de maior porte; ausência de classes dominantes mais estruturadas e mais importantes no cenário nacional. Desta forma, os pólos industriais de Santa Catarina tiveram condições bastante particulares para se desenvolver. Um mercado regional constituído apenas pelo excedente da pequena produção, incrementado posteriormente pela ligação das regiões de imigração com o planalto catarinense e paranaense. Destas ligações resultaram a passagem por cidades catarinenses, sobretudo Joinville, das economias extrativas da madeira e do mate, com o beneficiamento destes produtos antes do seu envio pelos portos de São Francisco e Itajaí.

As principais cidades que se desenvolveram no nordeste do estado, região principalmente alemã, tiveram em consequência que se apoiar em seu processo de industrialização, para participar de maneira mais significativa da divisão territorial de trabalho a nível nacional, como cidades industriais altamente dinâmicas que foi no que se tornaram. Foi o caso de Joinville, Blumenau, Brusque e mais recentemente Jaraguá do Sul.

A região de imigração do sul do estado beneficiou-se largamente do movimento econômico gerado pela intensificação da exploração do carvão a partir da segunda década do presente século, para constituir uma forte industrialização em varias cidades, tendo como centro Criciúma. O oeste do constituiu-se em outra região de forte dinamismo econômico, articulando a pequena produção rural à moderna agroindústria para o mercado nacional e internacional. (Pimenta, 1984)

A NATUREZA DA INOVAÇÃO.

O processo de industrialização brasileiro tem na substituição escalonada de importações um dos fatores fundamentais de sua dinâmica. Num processo deste tipo, o que poderíamos chamar de inovação na economia nacional guarda um significado diferente daquele que este termo representa para os países situados no centro do sistema mundial, normalmente associado a inovações tecnológicas e econômicas. Estes países, para conferirem dinamismo a suas economias, são obrigados a procederem a inovações tecnológicas de larga envergadura em períodos mais ou menos regulares de tempo. Assim as nações situadas no centro do sistema, e sobretudo aquelas hegemônicas em cada período, são as responsáveis pela criação de grandes inovações técnicas, científico-técnicas, e de sua transposição para os processos produtivos. Além das inovações que dependem do desenvolvimento da tecnologia, são fundamentais aquelas inovações que dizem respeito aos métodos e organização do trabalho. (Braverman, 1981) Tais inovações implicam no desenvolvimento de novos produtos e de novos consumos, bem como novas formas de consumo.

No processo de industrialização por substituição de importações, a atividade de inovação levada a cabo por setores de capitais privados e estatais em determinadas regiões do país são fundamentais para a dinâmica de desenvolvimento e para que a adaptação da economia aos ciclos econômicos e de inovação dos países cêntricos não seja passiva, mas fortemente ativa. (Rangel, 1982) Todavia, com a particularidade de que estas inovações, exatamente por estarmos em presença de um processo de substituição de importações, são de outra natureza.

Na substituição de importações, escalonadamente, industrializa-se internamente aqueles bens que, constituindo-se em artigos de consumo corrente no mercado nacional, advindos períodos de dificuldades do balanço de pagamentos, a continuidade do seu consumo torna vantajosa e até necessária a sua produção interna. Para que esta produção se realize internamente, novas importações, agora de bens de capital e de insumos passarão a fazer parte do consumo nacional corrente, criando mercado para sua importação regular. Num ciclo posterior, o mesmo processo tenderá a substituir estas últimas importações, tornando mais complexo e cada vez mais completo o parque industrial brasileiro. Assim o Brasil passou, em pouco menos de um século, da industrialização de tecidos, calçados e alimentos para a

industrialização de bens de capital e de bens intermediários de alto valor agregado. (Rangel, 1982 e 1985)

Nestas condições não se pode falar da mesma forma em inovações, ou ainda em capacidade de inovar, em se tratando do centro de difusão do capitalismo ou de países que se industrializam na sua periferia. Para estas últimas nações, estes conceitos não podem assemelhar-se em seu conteúdo daquelas características de grandes avanços tecnológicos revolucionando setores industriais inteiros, ou novos produtos constantemente lançados no mercado mundial, ou ainda o desenvolvimento e implementação de novos e revolucionários processos de trabalho capazes de aumentar a produtividade e o controle sobre a força de trabalho, simultaneamente ao aumento de sua qualidade. Nem por isto, o ato de inovar nacionalmente ou regionalmente tem um significado menor para a dinâmica do processo de industrialização quando se trata destas economias periféricas ao centro dinâmico da economia mundial.

Em condições de industrialização por substituição de importações, as inovações estarão muitas vezes ligadas à capacidade de introduzir novos itens, trazendo-os para a pauta da produção industrial nacional, tirando partido de situações específicas de mercado, de características regionais e geográficas tanto das áreas de produção como daquelas de consumo, de adaptação de tecnologia e força de trabalho aos novos processos, de inventividade para adaptações técnicas superando eventuais dificuldades, entre outros fatores necessários ao desenvolvimento industrial.

Foi nos marcos deste tipo de processo que a industrialização de Santa Catarina mostrou uma grande capacidade de inovar, apresentando-se como pioneira na substituição de uma série de produtos, a partir dos quais suas empresas cresceram, tornando-se muitas vezes responsáveis por significativas parcelas da produção nacional em seus respectivos setores. Ganhando posições em mercados oligopolizados, firmaram-se como grandes empresas, desempenhando importante papel como catalisadoras de um amplo processo de industrialização regional. (Pimenta, L., 1995b)

OS CICLOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO REGIONAL E A COMPLEXIFICAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL

A região sul do Brasil conseguiu, por suas particularidades de formação histórica, acompanhar de maneira mais ou menos intensa conforme o período, todos os ciclos da industrialização brasileira, participando de maneira extremamente ativa de cada um deles. Contrariamente a outras regiões também distantes do centro econômico nacional, a economia deste estado teve condições de implantar em seu território parcela significativa da modernização industrial percorrida nacionalmente no último século. Para tanto, foi necessário um permanente processo de inovações que possibilitassem vencer as dificuldades próprias a uma região constituída em frente pioneira de povoamento há pouco mais de um século, sofrendo o peso de uma esmagadora tendência à concentração das atividades econômicas nos centros dinâmicos nacionais, sobretudo o eixo Rio-São Paulo.

A industrialização do sul do Brasil aliou principalmente duas maneiras de erguer-se sobre características regionais para alçar-se à conquista do mercado nacional como escoadouro capaz de assegurar seu crescimento. Por um lado surgiram produções industriais a partir de matérias primas regionais que lhes davam uma competitividade superior para colocar produtos no centro do país (alimentos, calçados, tecidos de lã, entre outros). Estes ramos beneficiavam-se da abundância de matéria prima originária seja da economia latifundiária do gado (charqueadas e grandes frigoríficos)², seja da pequena produção mercantil dos imigrantes alemães e italianos (alimentos, derivados de suínos, vinicultura, entre outros), seja do extrativismo (principalmente madeira e erva mate). Por outro, surgiram produções industriais iniciadas para suprir de bens de consumo o mercado regional (tecidos de algodão e confecções, alimentos, pequena metalurgia), ou para servir de suporte para os setores anteriores na forma de oficinas metalúrgicas e mecânicas, pequena produção química entre outras ³. Neste caso tiveram que lutar com desvantagens que advinham da ausência de matérias primas na região, além da distância e da extrema precariedade dos transportes para atingir o mercados maiores. Tais setores souberam tirar proveito de outras características da formação regional para, igualmente, conquistar os mercados nacionais. Aí prevaleceu a habilidade técnica e a qualidade da amo de obra, sua disciplina e o seu afinco, assim como

² É interessante observar que apenas os alemães estabelecidos no Vale do Rio dos Sinos é que foram capazes de generalizar o aproveitamento do couro, subproduto do complexo agro-industrial do gado, das charqueadas e dos frigoríficos, na porção meridional do Rio Grande do Sul em região marcada pelas estruturas socio-econômicas dos latifúndios estancieiros. Foram os alemães estabelecidos na porção setentrional do estado que desenvolveram os curtumes e posteriormente as indústrias de calçados.

³ Ver sobre o desenvolvimento da indústria textil Pimenta, Margareth de Castro Afeche. *Industrialisation et territoire: le cas de l'industrie textile e de la confection au Brésil (1850-1980)*. Tese de Doutorado. Universidade de Paris IV-Sorbonne, 1994.

solidariedades regionais e étnicas de várias espécies, como a captação de recursos financeiros a partir da extensa rede de pequenos produtores rurais.

Estes setores industriais, contavam com poucas facilidades para concorrer com o centro do país não apenas nos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas em suas próprias regiões de origem, para onde cada vez mais tendiam a afluir os produtos da grande indústria nacional. Nestas condições, tiveram que procurar, constantemente, as formas para sobreviver e crescer sob esta pressão, buscando produtos e técnicas novas, qualidade nos seus estabelecimentos. Sobretudo por tratar-se de indústrias produtoras de bens de consumo, bens intermediários e bens de produção a partir de matérias primas não regionais que responsabilizaram-se pela maior diversificação e dinamismo do tecido industrial regional.

A economia industrial do sul do Brasil conseguiu, por meio de suas características regionais e de suas capacidades de inovação, participar ativamente dos grandes ciclos da industrialização brasileira, de tal forma que, com particularidades, respondeu sempre com dinamismo ao surgimento de novos períodos do desenvolvimento nacional. Assim, com pequenas variações, manteve sempre uma participação significativa e estável na repartição territorial da industrialização brasileira, apesar de nunca ter sido objeto de aportes de capitais extra-regionais, privados ou estatais, nas mesmas proporções em que os receberam outras regiões, sobretudo o centro econômico do país

Os centros industriais do sul do Brasil acompanharam todos os ciclos da industrialização brasileira, participando ativa e criativamente do processo de substituição escalonada de importações. Participando da implantação da indústria de bens de consumo leves a partir do final do século XIX, passando por aquela de bens de consumo duráveis, até a implantação mais recente da indústria pesada de bens intermediários e bens de produção o tecido industrial regional diversificou-se para dar conta das exigências de desenvolvimento de cada novo ciclo de tal forma que mantivesse sua posição dinâmica de acesso aos mercados nacionais e internacionais.

AS INDUSTRIAS E O ESPAÇO REGIONAL E URBANO FACE À PERSISTENTE CRISE ECONÔMICA: O CASO DE SANTA CATARINA

Para efeitos de análise, dividiremos a geografia econômica industrial de Santa Catarina em cinco grandes grupamentos, classificação esta que se refere, ao mesmo tempo, a recortes por ramos industriais e por espaços regionais. Estes cinco grandes grupamentos são o agro-industrial, baseado fundamentalmente no oeste do estado; o têxtil e de confecções cujo núcleo localiza-se no nordeste do estado, sobretudo Vale do Itajaí, estendendo-se à área de Joinville e Jaraguá do Sul e desdobrando-se recentemente para a região de Criciúma; o terceiro grande bloco vem a ser composto por indústrias metal-mecânicas, eletromecânicas, de eletro-domésticos, de material de transportes e plásticos, e está localizado em Joinville e Jaraguá do Sul, com alguma presença menos significativa no Vale do Itajaí, oeste e sul do estado; o quarto segmento, de grande expressão é a cerâmica de revestimentos identificada por grandes grupos sediados em trono de Criciúma no sul catarinense; finalmente, o pólo moveleiro localizado em São Bento do Sul e Rio Negrinho.

O grupamento agro-industrial catarinense, de expressiva presença no mercado nacional e internacional, tem origem nos grandes frigoríficos de suínos e aves e em seus desdobramentos na atividade de esmagamento de soja. (PIMENTA, 1984) Assim formaram-se as maiores empresas do gênero do país, Sadia, Ceval, Perdigão, Chapecó e Seara, entre outras. Face à crise econômica, estas empresas tiveram grande sucesso na atividade exportadora de carnes frigorificadas de aves e produtos beneficiados de soja. Isto permitiu um bom desempenho econômico alçando-as à posição de maiores grupos econômicos do estado e de significativa importância no Brasil. A grande estratégia de todas elas, mais recentemente tem sido a tentativa de transformarem-se, de simples frigoríficos ou esmagadores de soja, em conglomerados alimentares, diversificando sua presença no mercado, através de produtos de maior valor agregado. Assim, procuraram seguir as tendências dos grandes conglomerados alimentares mundiais, como forma de, num primeiro momento, não serem engolidas pelas atividades altamente agressivas das empresas internacionais que atuam no Brasil ou para cá se deslocaram recentemente com a abertura do mercado. De fornecedores de commodities ao mercado internacional, procuraram passar a fornecedores de produtos com algum agregado a mais de valor. Todavia, nesta área, a sua capacidade para ingressar como marcas alimentares de produção diversificada no mercado internacional ainda é limitada. Entretanto, dada sua forte presença e tradição no mercado interno, esta estratégia tem tido sucesso internamente e tem permitido avanços a estas empresas.

Os desdobramentos desta estratégia, adotada imperativamente, tem sido a necessidade de incrementar a base tecnológica, com produções alimentares mais sofisticadas, com maior grau de diversidade de produtos, melhoramento de matérias primas e automatização das unidades produtivas. Na outra extremidade, na relação de integração com os pequenos produtores rurais, fornecedores exclusivos de matérias primas animais e vegetais da região oeste do estado, a necessidade das empresas em aumentar sua competitividade tem provocado mudanças significativas. As empresa agro-industriais tem

exigido significativos avanços genéticos e tecnológicos nas criações, o que implica numa seletividade maior dos produtores integrados, à medida em que é maior o capital exigido para o desempenho das atividades rurais nas novas bases genéticas e tecnológicas. As criações são mais automatizadas e em maior escala. A qualidade exigida dos animais reprodutores também é maior e, conseqüentemente, o investimento também. Com o aumento da produtividade torna-se mais interessante para as empresas trabalharem com menos produtores integrados, mais capitalizados em área, instalações e tecnologia. A consequência tem sido um número maior de propriedades e produtores inadaptados à reestruturação produtiva, que por esta razão, acabam por perder suas terras, engrossando o contingente de migrantes sem terra.

Outra consequência desta reestruturação dos grandes conglomerados alimentares pode ser observada nas cidades em que estão localizados. A expulsão para fora da empresa de uma série de atividades, incentivando os antigos técnicos a abrirem novas empresas, torna mais complexo o espaço urbano, sobretudo das maiores cidades. Este movimento se complementa com o maior nível de exigência tecnológica geral, tanto no interior das fábricas quanto nas propriedades rurais. A resultante tem sido o aumento da capacidade empresarial instalada nestas pequenas e média cidades, com empresas desenvolvendo projetos e produtos complementares para este aumento da capacitação tecnológica geral. Observa-se o surgimento de empresas metal-mecânicas, de embalagens, e de prestação de serviços qualificados de informática, manutenção e consultoria, entre outros. Assim, estas cidades, que há vinte anos atrás eram pouco mais do que vilas operárias crescidas à volta de um grande frigorífico, hoje exibem um tecido urbano comportando uma outra complexidade técnico-científica e sócio-profissional, que se reflete tanto em sua composição empresarial quanto institucional.

Entretanto, este aumento de escala e modernização das agroindústrias exigiu esforços financeiros implicando em grandes endividamentos. As empresas não resistiram ao aumento desenfreado dos juros exigidos pela âncora cambial adotada pela política econômica do Plano Real. Assim, de todas as grandes agroindústrias catarinenses, apenas a Sadia manteve sua composição acionária. As demais grandes agroindústrias tiveram que ser vendidas pelas famílias fundadoras e controladoras para capitais financeiros ou empresas estrangeiras.

O segundo grupamento mencionado, o de empresas têxteis e de confecções foi obrigado a reestruturar-se mais violentamente. Neste caso combinaram-se a redução do mercado interno com uma acirrada concorrência de países da Ásia, tanto no mercado internacional quanto no mercado interno a partir de sua abertura. A redução de custos teve que ser brutal, implicando tanto em automatização quanto em terceirização, ambas providências implicando em drástica redução do número de trabalhadores diretamente empregados pelas grandes empresas. A consequência foi a proliferação de pequenas empresas e trabalho a domicílio. Estas novas unidades econômicas distribuem-se entre terceirizados das grandes empresas, executando tarefas como costura, que antes eram realizadas dentro das fábricas, ou pequenas firmas que produzem para o competitivo mercado das pequenas confecções locais. Estas atendem tanto o mercado das cidades da região, quanto o comércio de sacoleiros que dirigem-se para as cidades têxteis dentro desta nova forma de fluxo de distribuição comercial informal que proliferou no Brasil da crise. As consequências para as cidades e as regiões foi grande, com a substituição da prosperidade anterior por um novo padrão de precariedade trabalhista, de desemprego e de pobreza urbana.

O terceiro grupamento referido é o mais diversificado e por conseguinte heterogêneo. Inclui fabricantes de eletrodomésticos, ônibus e carrocerias de caminhões, motores elétricos e máquinas, autopeças, e um forte segmento de produtos plásticos de uso na construção civil. A situação de crise suscitou aí respostas mais diferenciadas, conforme a inserção de cada setor.

A produção de eletrodomésticos, já vendida para conglomerado transnacional nos anos 70, foi cada vez mais inserida no processo de globalização dentro da estratégia da empresa mãe, a norte-americana Whirlpool. As empresas brasileiras a ela coligadas entraram na estratégia global, produzindo tanto para o mercado interno quanto para exportação de produtos acabados ou componentes para outras unidades do grupo.

O maior grupo econômico deste grupamento, capitaneado pela Fundação Tupy foi duramente atingido pela crise econômica prolongada. Fornecedor de insumos de ferro fundido para a construção civil e para a indústria automobilística teve seu mercado bastante reduzido, o que não pôde ser integralmente compensado por exportações, que puderam ser realizadas na área de fundidos para as montadoras automobilísticas. Este grupo que, no período anterior de expansão econômica, havia construído uma sólida diversificação entrando pelo ramo de tubos e conexões plásticas, além de tornar-se um dos maiores fabricantes de matérias termotécnicas, teve que, em sua reestruturação, recentrar-se em seu segmento principal, vendendo pouco a pouco as outras áreas para concorrentes transnacionais. Finalmente, a família controladora foi obrigada a vender todo o negócio, que foi arrematado por um consórcio formado por fundos de pensão e bancos. Assim, o grupo Tupy que sempre disputou a liderança entre as empresas do estado, teve sua importância muito reduzida na economia estadual.

A maior parte dos fabricantes de autopeças da região não conseguiu ultrapassar o estágio de produção para um mercado de reposição pouco exigente, não conseguindo qualificar-se tecnologicamente para atender a outras demandas. Este processo tampouco é favorecido pela tendência de integração espacial e logística crescente entre montadoras e fabricantes de autopeças. Neste ponto, também a incapacidade do estado em atrair montadoras para a região limita bastante o potencial de crescimento deste segmento. O surgimento de um polo automobilístico na região de Curitiba, com a implantação de montadoras atraídas pelos subsídios oferecidos pelo Estado, pode acabar por ter reflexos sobre parte das indústrias de autopeças do nordeste de Santa Catarina, mas nada de concreto ainda se pode afirmar a este respeito.

As empresas do setor eletro-mecânico reestruturaram-se com forte absorção de tecnologia e acompanhando o processo de automação das fábricas, conseguiram fazer acompanhar seus produtos tradicionais, motores elétricos e transformadores, por novos produtos e processos de automação, mantendo sua liderança no mercado interno, e conseguindo crescer fortemente em exportações de motores.

O desempenho e a necessidade de modernização de todo o parque industrial do nordeste de Santa Catarina, tanto em sua componente têxtil confeccionista, quanto nos setores metal-mecânico, plástico e de transportes, incitou a capacitação em áreas inovadoras como foi o caso da informática. Assim as cidades de Blumenau e Joinville conseguiram transformar-se em importantes pólos de produção de softwares, com alguma importância nacional.

O quarto grupamento aqui referido, o setor de cerâmicas de revestimento, concentra-se no sul do estado, principalmente em Criciúma. Apenas uma grande empresa localiza-se fora desta microrregião, o grupo Portobello em Tijucas, próximo à capital do estado. Ao contrário da cerâmica tradicional, de produção de tijolos e telhas, o setor de revestimentos possui ampla base tecnológica e é altamente competitivo, tendo constituído em algumas décadas o segundo pólo ceramista do mundo na região de Criciúma. Todavia sua capacidade de expansão foi fortemente prejudicada pela crise financeira do setor habitacional, principal mercado para seus produtos. As exportações, ainda em estágio embrionário, não foram capazes de compensar a redução do mercado interno. Ainda assim, trabalhando fundamentalmente com automatização e lançamento de novos produtos, os grupos catarinenses despontaram como os grandes inovadores em qualidade, adquirindo em poucos anos a liderança no mercado nacional. Suas reestruturações, que incluíram automação, racionalização dos processos produtivos, administrativos e de vendas, e aumento da produtividade em geral, reduziram a capacidade de absorção de mão de obra, o que, apesar de sua importância, colocou fortes limitações na geração de empregos, necessários para contrabalançar a crise carbonífera sofrida pela região sul. Estes grupos também recentraram-se em sua atividade principal, abandonando, por necessidades de capitalização, diversificações ensaiadas no período anterior. Grandes saltos tecnológicos tem sido dados em produtos, processos de produção e controle de fluxos de venda, com informatização de indicadores de consumo das grandes redes de distribuidores e informatização de pedidos que, em tempo real, alimentam, com informações, as linhas de produção. A capacitação tecnológica deste setor levou também a implicações no desenvolvimento técnico-científico regional, com abertura de centros de pesquisa e centro de tecnologia em cerâmica, além do desenvolvimento de um setor de serviços qualificados nas cidades.

O último importante grupamento industrial de base regional, aqui considerado, é o setor moveleiro do norte de Santa Catarina, centrado em São Bento do Sul e Rio Negrinho, duas cidades tributárias da região de Joinville. Consolidaram-se estas cidades como grande polo moveleiro nacional, e obtiveram grande sucesso na reversão de suas produções para exportação. É composto por tradicionais empresas locais que absorveram tecnologia principalmente para atuar no mercado internacional, de onde vêm os impulsos maiores para inovação de design, importante neste setor. Recebendo diretamente encomendas de fabricantes e distribuidores europeus e norte-americanos, conseguem estas empresas, a partir dos laços de subcontratação assim estabelecidos, absorver inovações a partir das exigências destes mercados. Como consequência observa-se um esforço de consolidação local da capacitação tecnológica pela criação de instituições de formação de mão de obra, de controle de qualidade e de pesquisa na área de materiais e design. Aí, igualmente, o desenvolvimento industrial tem influído na modificação das componentes técnico-científicas e sócio-profissionais do espaço local.

AS REESTRUTURAÇÕES INDUSTRIAIS

A partir do final dos anos 80, as empresas catarinenses, compelidas a exportar devido à persistente retração do mercado interno procuraram ganhos de produtividade. Para tanto, tenderam a modificar seus processos produtivos, buscando os novos paradigmas em voga, sobretudo devido ao sucesso na competitividade dos sistemas de produção japoneses que, haviam resistido bem melhor à crise do padrão de acumulação mundial do pós-guerra do que aqueles simplesmente tayloristas e fordistas do período anterior.

Houve, assim, na indústria regional uma busca desenfreada por reduções e expulsões de custos. Adotaram-se procedimentos de controle de qualidade mais estritos, visando reduzir perdas. Foram colocados em prática os círculos de controle de qualidade, através dos quais, os trabalhadores, organizados em células de produção, devem participar mais ativamente nas melhorias dos processos produtivos, aumentando produtividade e reduzindo perdas e hiatos e estrangulamentos do processo produtivo. Algumas empresas catarinenses encontraram-se entre as pioneiras na implantação deste sistema no Brasil. A globalização do processo produtivo de vários segmentos fortemente internacionalizados, como é o caso da indústria automobilística e de eletrodomésticos, teve grande responsabilidade na difusão desta cultura na indústria catarinense. De fato, parte significativa da metalurgia, da mecânica e da indústria de plásticos fornece para estes segmentos globalizados, e recebe imediatamente os influxos no sentido de melhorar produtividade e qualidade, tanto para exportar, quanto para concorrer com fornecedores estrangeiros do exterior ou implantados no país.

Há, portanto, processos de difusão de inovações tecnológicas, de gestão de processo de trabalho, de gestão de estoques, de controle de qualidade, entre outros, desde empresas que estão mais fortemente ligadas aos processos de globalização, sofrendo mais fortemente a pressão, e que, pelo seu tamanho e escala de operação, têm condições de implantar mais rapidamente inovações. Foi o caso de grandes fundições ligadas como fornecedores a montadoras transnacionais (Tupy), ou fabricantes de eletrodomésticos, parte de grandes grupos (Cônsul), ou fornecedores de componentes (Embraco, Weg). Há uma via para as inovações que parecem circular numa cadeia descendente das grandes empresas, e das mais integradas aos processos de globalização, para aquelas que operam em menor escala e em mercados menos concentrados, mais competitivos, além, naturalmente das pequenas empresas que já surgem por obra da inovação experimentando nichos diversos que por sua escala não podem ser abarcados por grandes empresas.

Aumentou-se a eficiência dos processos produtivos por vários meios. Aumento da produtividade do trabalho por organizações mais aprimoradas do próprio trabalho, através de técnicas que obrigam o trabalhador a um comprometimento coletivo com ritmos, melhorias de fluxo, eficiência dos grupos. Diminuição das perdas no processo produtivo, com menor refugo de peças, através da responsabilização dos grupos de trabalhadores pelo controle da qualidade e treinamentos específicos para este fim. Diminuição de estoques, com introdução de sistemas just-in-time. Conseguiu-se desta forma a redução do capital aplicado no processo produtivo, tanto pela diminuição dos insumos presentes no processo, quanto por custos de estocagem, envolvendo tanto espaço quanto gestão de estoques. Pressionaram-se assim os fornecedores a serem mais ágeis nas respostas solicitadas pelo processo produtivo mais enxuto. Novamente a inovação tem ares de dar-se em cadeia. As grandes empresas são pressionadas por suas compradoras mais mundializadas. Assim têm que aumentar sua eficiência, cobrando mais eficiência de seus fornecedores e de seus prestadores de serviços.

Reestruturação, venda de empresas e perda de controle de capitais regionais

Outra consequência importante da crise e do processo de globalização da economia brasileira sobre a economia industrial de Santa Catarina tem sido a perda ou a venda de controle acionário de grandes grupos do Estado. Este processo é relativamente novo num estado que havia primado, até o início dos anos 90, pela presença quase absoluta de capitais locais no setor industrial.

Estas características são importantes e merecem atenção, entre outras razões, por suas implicações espaciais, uma vez que nas mãos do capital local, o comando das atividades econômicas permanece no estado e na região. Mais do que isto, este comando permanece nas cidades onde estão sediados os grupos. Para a tessitura econômica, técnica, social, política e cultural urbanas, isto tem grande relevância, ao fazer destes espaços e destas cidades organismos mais complexos, contando com grande diversidade de qualificações econômicas e sócio-profissionais, além, naturalmente, das redes de influências que este fato produz sobre a difusão de outras empresas e instituições ligadas a serviços e atividades próprias do comando industrial.

Os anos 90, neste sentido, marcam um ponto de inflexão, quando já se contam cinco grandes grupos, dos de maior expressão na economia industrial catarinense, cujo controle saiu das mãos dos capitais regionais. Foram eles os grupos Tupy, Artex, Perdigão, Chapecó e Ceval. Se, até então, o único caso de perda importante de controle acionário restringia-se ao grupo Cônsul, comprado pela Brasmotor nos anos 70, os anos 90 marcam, por esta razão, uma nova etapa na geografia industrial catarinense.

A magnitude deste processo para a geografia industrial catarinense pode ser melhor avaliada quando consideramos que dos 10 maiores grupos econômicos do estado em 1990, 5 foram alienados para capitais financeiros externos ao estado ou capitais internacionais. Ou ainda, se considerarmos apenas os cinco maiores, dentre eles, 3 foram vendidos (Ceval, Perdigão e Tupy). O grupo que figurava em primeiro lugar dentre os grupos empresariais catarinenses, Hering/Ceval, 15º grupo privado brasileiro, desfez-se recentemente de seu braço agro-industrial (Ceval/Seara), de longe o mais importante do grupo, para uma empresa transnacional do ramo alimentar.

Principais grupos vendidos em Santa Catarina na década de 1990

Grupo	Posição em SC em 1990 ¹	Posição Nacional em 1990 ¹	Patrimônio Líquido em 1990 (milhões de Usd) ¹	Comprado por
Ceval ²	1º	15º	506	Bunge e Born
Perdigão	3º	53º	164	Fundos de Pensão
Tupy	4º	58º	150	Fundos de Pensão
Chapecó	6º	96º	86	Grupo Argentino
Artex	10º	152º	46	Banco Garantia

¹ Balanço Anual Gazeta Mercantil 1991

² As informações referem-se à totalidade do grupo Hering/Ceval, tendo sido vendida em 1998 a Ceval, maior parte do grupo.

O grupo Tupy, já vinha reduzido seu campo de atividade como forma de resistir à crise, concentrando-se na atividade de fundição, pela venda do setor de tubos e conexões plásticas, onde tinha expressiva participação no mercado nacional. Mesmo assim, diante do peso das condições financeiras vigentes no Brasil, foi alienado para o capital financeiro, na forma dos fundos de pensão (Previ: 26%; Telos: 19%; Aerus: 16%; BNDES parts: 15%; Bradesco prev seg: 7%). O grupo Artex, grande fabricante têxtil, como consequência da crise financeira, aliada a uma traumática troca de gerações no comando da empresa, teve sua composição acionária trocada da família Zadrosny para o Banco Garantia. O grupo Perdigão, originário e sediado em Videira no oeste de Santa Catarina, um dos principais conglomerados alimentícios brasileiros, fortemente ancorado tanto no mercado interno quanto no setor exportador, também não resistiu ao peso do endividamento, e após muitas negociações acabou adquirido também por fundos de pensão (Previ: 18,52%; Sistel: 17,88%; Petros: 14,53%; Prev BNDES: 10,81%; Real Grandeza Fund: 10,21%; Weg: 9,82%; Previ BANERJ: 3,33%). O caso das negociações da venda da Perdigão são significativos dos riscos do processo de globalização para as regiões produtoras. O Banco Morgan liderou um consórcio cujo interesse maior estava na marca Perdigão, vice-líder do segmento de carnes no Brasil, como posição estratégica no setor alimentar brasileiro, muito mais do que em suas unidades produtivas, localizadas, grande parte delas, em Santa Catarina e que poderiam ser revendidas em seguida. Acabou prevalecendo a venda para um consórcio formado por fundos de pensão, que aparentemente garantia maior integridade para as atividades regionais. O grupo Chapecó, também assolado por endividamento, sufocado pelas altas taxas de juros, vendeu seu controle acionário para um grupo argentino, interessado em penetrar no setor brasileiro de carnes frigorificadas de suínos e aves, com vistas ao mercosul e principalmente devido à competitividade das empresas brasileiras deste setor dentro da própria Argentina. Mais recentemente o grupo Hering, desfez-se de seu braço alimentar, a empresa Ceval, primeiro conglomerado alimentar brasileiro, maior esmagador de soja do país, com atuação também em carnes e alimentos. Aparentemente, sentindo o fôlego dos grandes conglomerados alimentares transnacionais, e a magnitude dos investimentos necessários para atuar neste mercado globalizado, o grupo Hering, com alto percentual de endividamento, passou o controle acionário da Ceval para o grupo transnacional Bunge e Born, ficando apenas com seu ramo de origem, os têxteis e as confecções.

INOVAÇÃO TÉCNICA E REGRESSÃO TRABALHISTA

Pode-se dizer que a crise dos anos 80 e 90 produziu efeitos em dois sentidos opostos nas características da formação do parque industrial catarinense. Por um lado, acentuou algumas formas tradicionais da indústria catarinense, aguçando de alguns traços de sua formação, como é o caso da competitividade e da capacidade de inovação. Por outro lado, rompeu com outras, como o controle de empresas pelos capitais locais, estabilidade e paternalismo nas relações trabalhistas. Isso foi consequência da exposição deste parque industrial a uma crise persistente que forçou a busca de mercados externos; da adoção de um ideário econômico tendendo ao neoliberalismo por parte de sucessivos governos brasileiros levando a uma maior exposição do mercado interno a pressões internacionais pela abertura comercial e financeira; exposição das empresas a taxas de juros crescentes, resultado de uma política de estabilidade de moeda baseada em ancora cambial.

A tradição da indústria catarinense de procurar inovar para conquistar espaços num mercado nacional distante e dominado pelas economias dos estados mais centrais havia lançado as bases de seu potencial para inovar sobretudo em produtos, procurando nichos onde sair na frente na substituição de importações garantisse o acesso ao mercado nacional. Este processo sempre exigiu um certo grau de inovação técnica, colocando as empresas em contacto com os mercados internacionais fornecedores de tecnologia e de máquinas. Criou também uma tradição de pioneirismo que se incorporou aos quadros das empresas, tornando o ambiente regional propício à inovação industrial e à criação de empresas. Isto se traduziu muitas vezes tanto em empresas como em instituições. Houve grande preocupação em formação de força de trabalho que perpetuasse a qualidade técnica da mão de obra imigrante que alimentou vários períodos da industrialização do estado, que resultaram na criação de instituições de formação e pesquisa garantindo mais forte coesão institucional ao espírito técnico e inovador. Estes são componentes que ajudam a constituição de um novo perfil produtivo quando as condições adversas o exigem. Por outro lado, a mudança das relações entre padrão tecnológico e organizacional e emprego diminuiu brutalmente a quantidade de emprego em quase todos os setores colocando as cidades em novas condições de precariedade social e pobreza urbana.

Santa Catarina não obteve sucesso em nenhuma prática que dependesse de forte grau de atratividade seja de seu espaço, seja de sua economia ou de subsídios vindo de suas instâncias de governo. Assim, parques tecnológicos que se esboçaram em algumas cidades do estado não tiveram o resultado, nem o ritmo de atividade esperada. As tentativas de atrair as localizações das empresas transnacionais que aumentavam suas unidades produtivas no país fracassaram, perdendo espaço para outros estados com maior fôlego financeiro para bancar parcerias e doações interessantes a estes capitais.

BIBLIOGRAFIA:

- AGLIETTA, Michel. *Régulation et Crises du Capitalisme*. Paris, Calman-Lévy, 1976.
- BENKO, Georges e LIPIETZ, Alain. *Les régions qui gagnent*. Paris, PUF, 1992.
- BOYER, Robert. *La théorie de la régulation: une analyse critique*. Paris, La Découverte, 1986.
- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- FISCHER, A. e MALEZIEUX, J.. La notion de tissu industriel en géographie, in *Cahiers Français*, 211, mai-jun 1983, p. 5.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.
- LOVE, Joseph L.. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- PIMENTA, Luís Fugazzola. *Configuração espacial e estruturas produtivas no Oeste Catarinense*. Rio de Janeiro, 1984. Tese (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PIMENTA, Luís Fugazzola. Espaço regional e dinâmica industrial no Sul do Brasil. In: ENCONTRO DE GEOGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, V, 1995, Havana (Cuba).
- PIMENTA, Luís Fugazzola. Inovação e espaço regional na industrialização do Sul do Brasil. ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, I, 1995, Aracajú.
- PIMENTA, Luís Fugazzola. Cidades pioneiras: identidade e modernização no Oeste de Santa Catarina. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, IV, 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, UFRJ, 1996. p. 285-292.
- PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Industrialisation et territoire: le cas de l'industrie textile e de la confection au Brésil (1850-1980). Tese de Doutorado. Universidade de Paris IV-Sorbonne, 1994.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro, campus, 1980.
- RANGEL, Ignacio. *Ciclo, tecnologia e crescimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- RANGEL, Ignacio. *Economia: milagre e anti-milagre*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- ROCHE, Jean. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1969.
- SANTOS, Milton. Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado, in Rattner, Henrique. *Brasil 1990: Caminhos alternativos do desenvolvimento*. São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 143-161.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Ed. Nacional, 1977.
- WEIBEL, Leo. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE, 1979